

EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO COM ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: BUSCANDO A INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR

Autor: José Dinaldo Martins da Silva; Orientadora: Sonia Maria de Lira.

(Universidade Federal de Campina Grande, josedinaldomartins@hotmail.com; sonia.m.lira@hotmail.com)

Introdução

A participação dos estudantes com deficiência visual no Ensino Superior ainda é pequena, por isso em 2017 foi encaminhada uma ação de extensão interdisciplinar, em escola de Campina Grande, que pretendia contribuir para que quatro estudantes com cegueira, cursando o 3º ano do Ensino Médio, ingressassem no Ensino Superior. A ação contou com a participação de estudantes de Licenciatura da UFCG e com apoio do Núcleo de Educação Especial da UEPB. O objetivo consistiu em desenvolver atividades em sala de aula, incluindo temas das diversas ciências, humanas e exatas, a partir de exigências do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Durante as atividades a equipe preparou diversos recursos táteis para Geografia, História, Artes, Química e Matemática, desenvolvendo aulas com temas escolhidos pelos docentes, além de aplicar simulados do ENEM no contra-turno, no Instituto dos Cegos de Campina Grande. Houve intensa participação dos estudantes com cegueira tanto nos debates quanto no uso dos recursos táteis, e na execução dos simulados. A extensão tem relevância social e educacional, pois tentou viabilizar para que os estudantes se inserissem no Ensino Superior. Atualmente, os referidos estudantes encontram-se matriculados em universidades de Campina Grande: sendo três na UFCG e um na UEPB, nos cursos de Letras, Psicologia e Música. Sabemos que a extensão não foi a única responsável por tal ingresso, mas cumpriu seu papel social nesse processo.

Desenvolvimento das atividades

As atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, localizada no Bairro do Catolé, e também no Instituto dos Cegos de Campina Grande-PB. A extensão foi muito importante para os licenciandos do Curso de Geografia, no contexto do aprendizado e da construção dos conhecimentos, como futuros profissionais da educação.

O trabalho começou a ser desenvolvido no Laboratório de Ensino e Geografia (LAEG), preparando os extensionistas em planejamentos e elaboração de materiais, conforme temas propostos pelos professores da escola. Em seguida as aulas eram ministradas na escola e, por fim, os simulados eram respondidos.

A primeira temática trabalhada foi sobre os refugiados, envolvendo conhecimentos de História e Geografia. A segunda foi sobre os Golpes no Brasil, com atividades nas áreas de História, Geografia e Artes. Nas áreas de Exatas houve mais dificuldades em relacionar com outras áreas, mas foram trabalhados temas nas disciplinas de Química e Matemática.

A participação na extensão foi um momento importante na minha vida como aluno do curso de Geografia, pois é uma experiência fundamental para minha formação profissional como futuro docente.

O professor deve estar em sincronia com a contemporaneidade, sabendo utilizar as tecnologias em prol de um ensino mais eficiente e eficaz, trabalhando em parceria com o aluno e, além de tudo isso, ser consciente de que não é o detentor de todo o conhecimento. Hoje, é necessário ensinar nossos alunos a refletir, questionar, raciocinar e compreender a nossa realidade, para que possam contribuir com a sociedade e construir opiniões próprias. Por isso, muitos dos debates sobre as temáticas citadas, anteriormente, tentavam ampliar o

senso crítico dos estudantes. Além disso, os estudantes cegos tocavam os recursos cartográficos a respeito do tema, como mostra a figura nº 01.

Figura nº 01: Analisando o mapa tátil dos deslocamentos dos refugiado



Fonte: Arquivo dos extensinistas, 2017.

Os momentos de responder os simulados também traziam debates e descontração entre estudantes e extensionistas, além de tirar dúvidas que ainda existissem. A seguir, a figura nº 02 apresenta a atividade no contra turno da escola.

Figura nº 02: Estudantes com cegueira respondendo questões do ENEM.



Fonte: Arquivo dos extensinistas, 2017.

Como algumas questões dos simulados foram trabalhadas com os cegos, em materiais em braile, isto ocorreu separados dos outros estudantes. Este momento trouxe maior aproximação com a equipe e outros debates eram possibilitados.

Conclusão

A extensão trouxe aprendizagem tanto para os estudantes da Educação Básica, quanto para os licenciandos que participaram, demonstrando que a inclusão necessita de pessoas comprometidas com o processo educacional daqueles com deficiências.

Ademais, são necessárias políticas que proporcionem formação para os profissionais da Educação Básica, melhores condições de trabalho e materiais, pois para serem confeccionados os recursos pedagógicos precisa-se de qualificação, tempo pedagógico e recursos disponíveis nas escolas.

REFERÊNCIAS

FINO, C. N. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP):** três implicações pedagógicas. Revista Portuguesa de Educação 2001;14(2):273-91. 2001. Disponível em: <www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>

PASSINI, E. Y. Alfabetização cartográfica e o livro de didático: uma análise crítica. Belo Horizonte: lê, 1994. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de geografia:** prática e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 40.

RAMOS, M. B. J., FARIA, E. T. **Aprender e Ensinar:** Diferentes olhares e práticas. EdIPUC, RS, 2011.

SANTOS, E. S. **Trabalhando com alunos:** subsídios e sugestões: o professor como mediador no processo ensino aprendizagem. Revista do Projeto Pedagógico; Revista Gestão Universitária, n. 40.